

CARLOS RANGEL

UMA RESPOSTA AO AS VEIAS
ABERTAS DA AMÉRICA LATINA,
DE EDUARDO GALEANO

MITOS E FALACIAS SOBRE A AMÉRICA LATINA

**[DO BOM SELVAGEM AO
BOM REVOLUCIONÁRIO]**

*Da culpa externa pelos nossos fracassos,
exploração imperialista e outros clichês
que produzem lideranças populistas.*



**MITOS E FALÁCIAS
SOBRE A AMÉRICA LATINA**

CARLOS RANGEL

MITOS E FALÁCIAS SOBRE A AMÉRICA LATINA

DO BOM SELVAGEM AO BOM REVOLUCIONÁRIO

*Da culpa externa pelos nossos fracassos, exploração imperialista
e outros clichês que produzem lideranças populistas.*

Tradução
CARLOS SZLAK

 FARO
EDITORIAL

Por e para Sofia.

Em política e história, quem se rege pelo que se diz, vai errar de forma lamentável.

– ORTEGA Y GASSET

A (verdadeira) revolução – que sob nomes diversos agita e impulsiona o homem desde a alvorada histórica – quer libertar o homem dos mitos que o oprimem, para que ele exista em toda plenitude [...]; enquanto a propaganda procura se apoderar da criatura [...], alterar o homem, aliená-lo de si mesmo. A propaganda afirma que tem o fim de promover a revolução ou de defender a liberdade, mas sua consumação consiste em paralisar o homem, em possuí-lo e escravizá-lo.

– HÉCTOR A. MURENA

Parece-me gravíssimo que as ideias dominantes a respeito dos Estados Unidos no resto do mundo sejam falsas em tão grande medida; isso introduz um elemento de erro na vida de todo o planeta, que vive, já só por isso, mas não só por isso, em estado de erro.

– JULIÁN MARÍAS

A mentira se estabeleceu em nossos povos quase constitucionalmente. O dano foi incalculável e alcança zonas muito profundas de nosso ser. Movemo-nos na mentira com naturalidade. Daí que a luta contra a mentira oficial e constitucional seja o primeiro passo de todas as tentativas sérias de reforma.

– OCTAVIO PAZ

posteriormente na região, de maneira quase exata nos países protegidos sob a roupagem do “socialismo do século XXI” promovido pelo Foro de São Paulo.*

Porém, o florescimento limitado do liberalismo hoje na América Latina tem uma grande dívida com o pensamento de Carlos Rangel, e a luta contínua para fortalecer a democracia liberal é nutrida por suas ideias. O contexto de origem do livro, sua aceitação e rejeição originais, e a base histórica para a formulação das ideias de Rangel ilustram sua importância e seu impacto nos dias de hoje. Agradeço à Faro Editorial e ao seu editor pelo convite para partilhar este contexto na nova edição da obra-prima de Carlos Rangel.

UM BALDE DE ÁGUA FRIA: DESMASCARANDO ILUSÕES

Em 1976 foi publicada pela editora Monte Ávila, em Caracas, a edição original da obra *Do bom selvagem ao bom revolucionário*, em uma edição limitada com capa branca. Alguns meses antes, o livro havia sido publicado na França. O filósofo francês liberal Jean-François Revel relata em suas memórias** a concepção do livro:

Quando conheci Carlos, em Caracas, em agosto de 1974 [...], ele me pediu para ler um par de páginas que tinha escrito sobre o destino histórico e a psicologia política da América Latina. Modestamente, ele as apresentou para mim como, no máximo, um projeto de artigo. Depois de ler tais páginas brilhantes, e também estimulado por uma amizade pessoal e uma fraternidade intelectual que nasceram quase de imediato entre nós, eu o encorajei, não sem entusiasmo, a desenvolver suas ideias, com todo o rigor que mereciam, em um livro amplo e detalhado sobre o tema da civilização latino-americana. Quando voltei a Paris, fiz com que a (casa editorial) Éditions Robert Laffont lhe enviasse um contrato. Isso explica o paradoxo de a edição original da obra-prima em teoria política latino-americana ter aparecido pela primeira vez em francês.

* O Foro de São Paulo é uma conferência de partidos políticos e organizações de esquerda de toda a América Latina e do Caribe, que ocorreu pela primeira vez em 1990, com o intuito de discutir propostas e soluções comuns à região contra o “neoliberalismo” e o “imperialismo”. (N.T.)

** *Mémoires: Le vouloir dans la maison vide*, J-F Revel, Éditions Plon (1997).

Os manuscritos originais em espanhol foram traduzidos para o francês por Françoise Rosset, tradutora também de Jorge Luis Borges e Adolfo Bioy Casares (autor de *A Invenção de Morel*). Revel disse, ademais, que, aparecendo em francês, o livro se dirige aos dois públicos que semearam a inspiração de Rangel: a Europa, com seus conceitos românticos e errados sobre a América Latina, e a América Latina, com seus grandiosos conceitos errôneos sobre si mesma. Conceitos infelizes que, naturalmente, também coexistiram nos EUA. Em suas memórias, Revel prossegue:

A esquerda europeia espera da América Latina, e do Terceiro Mundo em geral, a revolução que acabou frustrada em sua própria terra. Assim, durante as férias de verão de 1969, na Tunísia, em Hammamet, lembro-me de uma conversa que tive com Jean Daniel, uma tertúlia perto da praia onde ele gentilmente me havia convidado para jantar. O diretor do *Nouvel Observateur* [Daniel] me disse: “Hoje em dia já não sei de onde virá a revolução mundial; talvez da América Latina?”. Após o fracasso de Maio de 68, a esquerda francesa, principal especialista em questões de revolução, procurou no Novo Mundo da América uma filial do *Quartier Latin*. Essa esquerda revolucionária europeia encontrou um novo impulso para seus sonhos insurrecionais, em 1994, no México: o Exército Zapatista de Libertação.* Assim, novamente caiu no esquecimento o que eu gosto de chamar a lei de Rangel, postulada por Carlos em *Do bom selvagem ao bom revolucionário*, apropriada em 1976 e observada repetidas vezes desde então, a saber: sempre que na América Latina as pessoas, pessoas reais, votam livremente em eleições não manipuladas, escolhem soluções moderadas, partidos de centro-esquerda**

* Nesta passagem das memórias de Revel, publicadas no início de 1997, a contínua idealização sobre a “revolução” se reflete no discurso de um grande número de formadores de opinião na Europa e no mundo ocidental. O que Revel descreve era uma intelectualidade em busca de um ídolo, um arquétipo Davi, nobre e fraco, que derrotou o maligno e poderoso Golias. Logo após as ações do EZL, surgiria Hugo Chávez, um esquerdista democraticamente eleito em um dos países mais poderosos e irrefutavelmente democráticos da América Latina. O redentor da revolução havia chegado.

** Chávez compareceu perante o eleitorado como um “antipartido” de centro-esquerda, com a aceitação das elites empresariais e políticas da época. Mesmo assim, as eleições de 1998 tiveram uma das taxas de abstenção mais altas na história da Venezuela. Chávez conseguiu sua vitória com apenas 33,34% do registro eleitoral.

ou de centro-direita. O lendário extremismo latino-americano é um fenômeno elitista. Os intelectuais, os militares, os fascistas e os revolucionários que lutaram entre si durante séculos pelo poder, com tiros de fuzil e retórica inflamada, são oligarquias opostas, desejosas de satisfazer seu apetite pela dominação (para não falar de seus apetites financeiros).

Mais à frente, Revel prossegue:

Que o Bom Selvagem tenha aparecido em francês antes da edição castelhana não é uma anedota simples, mas de importância relacionada à substância do livro. [O público-alvo da obra] era de fato, pelo menos, tanto europeu quanto latino-americano. As duas fontes de inspiração para Carlos são, conjunta e complementarmente, os erros da América Latina sobre si mesma e os erros dos europeus sobre a América Latina. As aberrações e ilusões latino-americanas sempre foram encorajadas pelas projeções narcisistas dos europeus. Para eles, a América é como um espelho de suas próprias obsessões, repulsivas no caso da América do Norte, sonhando com a América do Sul.

A elite intelectual ocidental sustentava o remanescente daquelas farras da primavera de 1968, a reação idealista diante dos assassinatos políticos nos EUA, o México '68 (o massacre de Tlatelolco e os Jogos Olímpicos) etc., enquanto buscava justificar Praga, a Revolução Cultural Chinesa — e não sabia como reagir ao genocida Pol Pot. Ante essas contradições existenciais, surge Régis Debray, que afirma que há uma nova “revolução na revolução” (1974), adjudicando que ela se engendra de maneira nobre na América Latina. A esperança de uma utopia comunista, cada vez mais impossível na Europa, mantinha uma chama acesa nas exóticas florestas tropicais das quais vinham o café, o cacau e o tabaco. O romantismo revolucionário eleva, assim, as figuras de Che, esse Fouché tropical de La Cabaña, de Camilo Torres, rebelde sacrificado diante da todo-poderosa Igreja, para deleite dos intelectuais ateus e, é claro, de Fidel Castro, o bravo David, que enfrentou o Goliath imperial dos EUA.

Carlos Rangel foi vilipendiado por muitos, já que seu livro nasceu naquele período de turbulência política no marco do apogeu da Guerra Fria.* Seu argumento de que o comunismo era uma promessa vazia e uma desculpa para justificar regimes totalitários não era bem-vindo na América Latina da época e, francamente, tampouco na intelectualidade ocidental. Um crítico nos EUA, ele escreveu: “pelo menos é impresso em papel reciclado, assim nenhuma árvore foi derrubada”. Seus apelos para fortalecer as instituições da democracia liberal como o melhor caminho para a prosperidade foram ignorados à medida que o enlevo da ilusão socialista se apoderava do panorama político da região.

Quem era esse Rangel, que argumentava que o atraso era prejudicial em vez de enobrecedor? Que propunha que as razões do atraso eram introspectivas, não impostas pelo imperialismo ianque? Essa “libertação”, essa “revolução”, era um mito para perpetuar “caudilhos consulares”? Houve quem fizesse a leitura para reafirmar seus próprios mitos e preconceitos colonialistas ou pseudossocialistas com tons pomposos e irônicos. Por exemplo: “Em um trabalho impactante de desmistificação, o autor venezuelano exonera os EUA da responsabilidade pelos fracassos da América Latina” (*Foreign Affairs*, abril de 1978);

Como argumento polêmico apresentado vigorosamente, este trabalho vai deliciar muitos dos que se situam no extremo não revolucionário do espectro político, mas seus pontos, apesar de tudo, merecem consideração (Kirkus, novembro de 1977).

“Seu livro provocativo, estimulante e pró-americano é frequentemente mais forte na afirmação do que na evidência” (*Wilson Quarterly*, primavera de 1978). Até mesmo Helen Wolff, diretora do selo editorial, foi um tanto superficial ao falar no *The New York Times* sobre sua grade de publicações para o último trimestre de 1977 ao mencionar:

The Latin Americans (título do livro em inglês), de Carlos Rangel, um venezuelano. É sobre o relacionamento de amor e ódio com os Estados Unidos, que tem um viés incomum por ser pró-americano.

* No final de 1977, foi publicada a edição em inglês, com o selo de Helen & Kurt Wolff, da editora Harcourt Brace Jovanovich. O livro também foi publicado em português (1976) e em italiano (1980).

Em sua terra, Carlos Rangel foi denunciado como reacionário, *pitiyanqui*,* direitista e até agente da CIA. Em um incidente muito lembrado, seu livro foi queimado em uma cerimônia pública na Universidade Central da Venezuela por “desonrar a virtude histórica da nação indígena”. Rangel acusou as universidades latino-americanas, em sua maioria, de não fazer bem seu trabalho de educar e graduar profissionais de maneira eficiente. Por isso, quando — dentro do marco de uma sociedade democrática — ele seguiu caminho até um fórum na universidade para discutir seu livro, foi assediado por uma multidão de militantes e levou cusparadas junto com sua esposa. Como profissional e democrata, chegou ao fórum, limpou o rosto e tomou seu assento.

O principal postulado das ideias do livro escapa a essas reações. Rangel argumenta que a América Latina tem todas as condições para o êxito e que sua falha está em não enfrentar as falhas desse fracasso, com um sugestivo “até agora”. Porém, para alcançar esse sucesso, a região precisa fazer uma autopsicanálise para que consiga se livrar das sombras mentais que a desviam do seu futuro potencial, que dissipe os mitos que perpetuam uma fatídica auto-opressão, marcada pela perversão do estado de direito e pela racionalização que atribui aos países capitalistas o atraso dos países “terceiro-mundistas” — incluindo a América Latina. Rangel, com sua obra, tratou de iniciar o diálogo requerido para essa psicanálise, e sugere que o tratamento diante dos males que afligem o paciente são grandes doses de democracia. De verdadeira democracia: desordenada, pluralista, independente de manipulações leninistas e com liberdade de imprensa.

CARLOS RANGEL, LIBERAL

Rangel não era de direita no sentido maniqueísta da palavra. Tampouco era de esquerda. Ele era liberal. O que é ser liberal? Um de seus autores favoritos era Daniel Patrick Moynihan, que define o liberalismo desta forma:

* “Pequeno ianque”, um termo pejorativo disseminado na Venezuela para acusar alguém de admirador dos EUA. (N.T.)

A essência do liberalismo consiste em uma crença otimista no progresso, na tolerância, na igualdade, no estado de direito e na possibilidade de obter uma medida alta e sustentável de felicidade humana aqui na Terra.

Rangel tinha aversão a Somoza, a Trujillo, a Stroessner, ao que Pinochet representava. Também a Fidel Castro, a Gualtieri, a Videla, a Ernesto Cardinal... a todo tirano que perpetuava (e perpetua) o mito de que nossos países necessitam de um governo forte, centralizado e todo-poderoso para o qual a democracia representativa é um luxo desnecessário. Rangel teve que enfrentar aqueles que não desejavam que se entrevistasse publicamente representantes da esquerda venezuelana para não lhes dar palanque. Por ser um democrata crente na liberdade de expressão, na tolerância (o antissectarismo), e a diversidade de ideias teve que circular com seus programas de opinião pelos canais da TV quando já não fazia a vontade dos donos. Rangel acusou a sociedade cúmplice empresarial, cuja arma competitiva favorita era ser amiga do governo. Em um discurso famoso disponível nas redes sociais diante de altos representantes da classe empresarial venezuelana em 1984, acusa os empresários de serem cúmplices do atraso do país, e foi aplaudido vigorosamente por eles.* Isso é ser liberal... e desafia as definições de “esquerda” e “direita”. Para entender as origens desse pensamento liberal, é preciso passar em revista um pouco a história pessoal de Rangel dentro do contexto histórico de sua formação; entender “quem é esse Rangel”.

Os anos cinquenta na Europa, a fronteira da Guerra Fria. Em 1949, a União Soviética enfrentou o mundo, explodindo sua primeira bomba atômica e elevando a rivalidade entre as novas potências mundiais. Rangel identificou os vícios e defeitos que a democracia enfrentava na América Latina, mas estabeleceu um contexto global dentro desse confronto entre o totalitarismo e o liberalismo, identificados nas respectivas hegemonias do comunismo e do capitalismo. Seu livro conta como, no final da Segunda Guerra Mundial, houve uma mudança na ortodoxia do Partido Comunista russo, que tinha se permitido certa dose de indisciplina durante a guerra em busca de aliados contra o poder nazista. Isso mudou rapidamente no final da guerra, e o chefe do

* O texto completo do discurso intitulado “A crise e suas soluções” está disponível em seu terceiro livro, *Marx e os socialismos reais e outros ensaios* (1989).

partido comunista nos EUA, Earl Browder, foi a primeira vítima simbólica do que Rangel chama de sectarismo renovado de esquerda, uma prática que repudia e exclui todos aqueles que não acatem a linha ortodoxa do partido central, o PC russo. Browder foi denunciado em um artigo publicado no *Les Cahiers de Communisme*, a revista do PC francês, assinado por Jacques Duclos, o líder desse partido. Anos depois, ficou-se sabendo que tal artigo havia sido escrito nos escritórios da KGB, o serviço secreto da União Soviética em Moscou.

Em fins de 1948, na Venezuela, o presidente eleito democraticamente Rómulo Gallegos foi derrubado por uma junta militar; ele, que havia sido muito próximo de José Antonio Rangel Báez, pai de Carlos. Essa influência paterna precoce, associada ao fervor democrático revolucionário do período 1945-48 no país, lhe deixaria uma marca indelével acerca da promessa da democracia.

O chamado triênio democrático na Venezuela se originou em um golpe de estado anterior, em fins de 1945, que derrubou o presidente militar Isaías Medina Angarita, que havia ascendido ao poder por votação indireta. O jovem e sagaz dirigente político Rómulo Betancourt se dera conta de que entre as fileiras militares havia ambiciosos — entre eles, um em especial chamado Marcos Pérez Jiménez — com a intenção de derrubar o presidente Medina. Betancourt sabia que no caso de isso ocorrer, o processo de transição a uma democracia universal (que o governo de Medina via com receio) se veria truncada e fez um pacto com os militares. Isso também convinha a Pérez Jiménez para participar na credibilidade de uma aliança cívico-militar, credibilidade que não teria em caso de executar seu simples e ambicioso golpe militar. Em outubro de 1945 ocorreu o golpe e Betancourt encabeçou a junta “revolucionária” de governo.

O mundo se transformava de modo acelerado em direção a uma nova era, assinada pelo aterrador resplendor de apenas poucos meses antes no Japão e um reajuste do equilíbrio no mundo, agora global. As comunicações a longa distância, notícias quase instantâneas e novas facilidades de transporte revolucionavam o pensamento e as aspirações. Na Venezuela, os três anos seguintes ao golpe de 1945 seriam uma cátedra democrática para o país, enquanto se debatia publicamente por ondas de rádio a redação de uma nova constituição. Aprovada a nova constituição que garantia o voto universal direto e estabelecia direitos sociais, convocaram-se eleições. O resultado favoreceu esmagadoramente o escritor e intelectual Rómulo Gallegos, o primeiro presidente civil

constitucional da Venezuela desde o ano 1859. Porém, a nova constituição democrática e a revolução de expectativas populares não foram do agrado de Pérez Jiménez, que conspirou novamente e executou um golpe em novembro de 1948, apenas nove meses depois do presidente Gallegos tomar posse.

O golpe de estado de 1948, combinado com a morte de seu pai em 1949, distanciou Carlos Rangel do país, do qual saiu aos 21 anos para terminar sua carreira universitária. Três anos depois, em certo afã de rebeldia, independência e impulso de juventude, fugiu para Paris com sua noiva estrangeira para se casar na cidade das luzes, transtornando ambas as famílias tradicionais e chegando a um mundo de expurgos partidários, depuração ideológica, intrigas e suspeitas, por onde transitava durante os estudos na Sorbonne de Paris, outro viveiro de esquerdistas.

Em Paris, no Quartier Latin, havia exilados de toda estirpe, refugiados das ditaduras e dos tiranos que dirigiam os destinos nos países latino-americanos e na Península Ibérica. Lá Rangel conheceu muitos venezuelanos que fugiam da ditadura de Pérez Jiménez, que oprimia cada vez mais a Venezuela e cada vez com mais força. Entre eles estava Luis Aníbal Gómez, quem, em um ensaio recente,* recorda e descreve a época em que conheceu Rangel e fez amizade com ele:

Ele vivia perto do *Parc MontSouris*, nos prédios da Ligne de Sceaux, tinha carro. Foi uma amizade desinteressada, inspirada pela sinceridade e pela franqueza. Ele, também absorto na atmosfera sartreana do momento, disse-me que concordava com quase todo o marxismo, exceto em relação à arte. Ele não acreditava na arte engajada, e eu, de minha parte, detestava os quadros dos generais soviéticos, abarrotados de medalhas, comendo pipoca nos parques.

Respondi inequivocamente que o que interessava era derrubar Pérez Jiménez, a qualquer custo, enquanto os generais dos soviéticos se empanturravam de pipocas; e que todo o resto acabaria se resolvendo depois, ou não. Era uma questão de prioridades.

Ele concordou. Não seria militante do grupo, mas alguém mais útil não estando em evidência e nem militando, e sim mantendo-se à margem, um

* *Carlos Rangel — Última vuelta de tuerca*, Luis Aníbal Gómez, 2017 (inédito).

tanto *au dessus de la mêlée*. Seria criptocomunista, na expressão em voga. Estava de acordo.

Ele me confidenciou, então, como, por meio de amizades e influências, era possível que se fosse candidato a um cargo na Embaixada da Venezuela em Roma. Tinha que dar a resposta por aqueles dias... Eu disse a ele que pensaria a respeito... E eu pensei, mais a favor de sua pessoa do que nos interesses do partido: o mundo da espionagem nos era alienígena, exótico, muito perigoso. Não éramos aptos a isso, nem ele nem eu, para navegar as águas turvas da espionagem e da traição. Minha opinião foi negativa.

Carlos Rangel foi um grande exemplo daquele ditado que descreve bem sua geração: “quem é jovem e não é socialista não tem coração; e quem é velho e é socialista não tem cérebro”. Nesse ínterim, Rangel tinha 24 anos, os EUA acabavam de obliterar uma pequena ilha do Pacífico com a terrível bomba H e o partido comunista russo aperfeiçoava suas técnicas para se infiltrar no mundo ocidental com propaganda subversiva. O comunismo ainda não havia demonstrado abertamente suas falácias internas que o conduziram insanamente ao totalitarismo feroz e foi aceito por grande parte da intelectualidade ocidental como um possível modelo econômico alternativo. Os crimes de Stalin estavam ocultos e os do regime soviético ainda careciam da eventual denúncia de Soljenítsin. Existia um debate intelectual sobre os pontos positivos e sobre as deficiências dos sistemas capitalista e comunista; debate em que o comunismo tinha vantagem oculta, posto que, em sua ortodoxia, não permite a livre expressão de ideias, pensamento e imprensa; enfim, de uma discussão verdadeira, e incita a infiltração subversiva e o uso de “idiotas úteis”,* enquanto que, no regime liberal do capitalismo, a autocrítica aberta é oxigênio.

É notável uma participação de Rangel que descreve Gómez, em fins de 1952, nas atividades semiclandestinas na Paris dos exilados políticos venezuelanos. Para dezembro daquele ano, havia sido convocado o “Congresso Mundial dos Povos pela Paz” em Viena. Esse congresso foi um evento promovido pelo serviço de inteligência russo, a KGB, principalmente como uma oportunidade de fazer propaganda contra os EUA, por ocasião da Guerra da Coreia,

* Metodologia claramente exposta em *O manifesto comunista*, de Marx e Engels.